

Franz Boas e os Zoológicos Humanos: A exibição de indígenas Bella-Coola em Berlim (1885-1886)¹

Marina Cavalcante Vieira (PPCIS/UERJ)

Resumo

Os zoológicos humanos desenvolveram-se ao longo do século XIX em um processo simbiótico com a formação dos museus etnográficos e com a disciplina antropológica. Formatos de entretenimentos populares que exibiam pessoas tidas como exóticas, os zoológicos humanos produziam cenografia e recriação de habitat nativo para que as pessoas exibidas performassem e encenassem a sua própria cultura e modo de vida diante do público europeu. Geralmente ambientados em parques, museus, feiras e zoológicos de animais, estas formas de exibição representam ao mesmo tempo a face mais popular da antropologia do século XIX (Griffiths, 2002) e a “radicalização mais perversa” da formação dos museus etnográficos (Oliveira e Santos, 2019). Os estudos antropométricos beneficiaram-se sobremaneira dessas formas de entretenimento popular, tendo aí vastos campos de pesquisa transportados para a Europa.

As relações entre zoológicos humanos e a antropologia física estão mais que demonstradas em diversas pesquisas (Thode-Arora, 1989; Lange, 2006; Vieira, 2019). O que nos interessa neste trabalho é investigar as relações e influências dos zoológicos humanos [*Völkerschauen*] sobre Franz Boas, considerado pai da antropologia cultural.

Ao retornar de seu primeiro trabalho de campo no Ártico ainda como físico e geógrafo, Franz Boas passa a trabalhar no Museu Etnográfico de Berlim, em 1885, sob a supervisão de Adolf Bastian e em contato com Rudolf Virchow. É no período entre 1885 e 1887 que, segundo Stocking (1968), acontece a conversão de Franz Boas “de físico a etnólogo”. Durante o período que trabalha no museu etnográfico, Boas entra em contato com a cultura de indígenas da costa noroeste americana, primeiramente por meio de objetos da coleção etnográfica, e em seguida, ainda no ano de 1885, através de uma trupe de indígenas Bella-Coola, que apresentou espetáculos de zoológicos humanos em Berlim e diversas outras cidades européias. Durante a estadia da trupe em Berlim, Boas trabalhou intensamente com o grupo ao longo de duas semanas. Como resultado deste primeiro contato, Boas publicou um pequeno artigo em um jornal de notícias local. Esta pesquisa reconstitui as exposições do zoológico humano de Bella-Coola em Berlim, traçando as relações entre instituições científicas berlinenses e seus pesquisadores com este espetáculo, dando ênfase à participação de Franz Boas. Certo é que após este primeiro contato com os Bella-Coola, Franz Boas parte alguns meses depois para o seu primeiro trabalho de campo *in loco* com os indígenas Kwakiutl da costa Noroeste americana. Douglas Cole (1982) chega a afirmar que o primeiro trabalho de Boas com indígenas da costa noroeste teria sido desenvolvido ainda em Berlim, no local de exposições dos Bella-Coola.

Palavras-Chave: Franz Boas; Zoológicos humanos; indígenas Bella-Coola.

¹ Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

Introdução

Entre os anos de 1885 e 1886 Franz Boas trabalhou no Museu Etnológico de Berlim, sob a supervisão de Adolf Bastian, em um projeto de catalogação de objetos indígenas da costa noroeste americana. Em janeiro de 1886 um grupo indígena Bella-Coola, da mesma região, chega à Berlim, dando a Boas a oportunidade de conhecer de perto as pessoas cujos objetos etnográficos o haviam fascinado desde o trabalho de catalogação ao longo do ano anterior. Estas experiências irão definir a carreira de Boas, que após o contato com os Bella-Coola decide-se por ir a campo estudar indígenas da costa noroeste, tornando-se um evento basilar para a sua paulatina transformação de geógrafo a antropólogo, bem como para sua mudança da Alemanha para os Estados Unidos.

A passagem do grupo Bella-Coola pela Alemanha estava inserida no quadro das exposições de zoológicos humanos, shows étnicos ou *Völkerschauen* — que eram formas de entretenimento popular que apresentavam povos de culturas tidas como selvagens e exóticas ao público europeu. No último quartel do século XIX esses espetáculos passaram a reproduzir cenografia e reconstituição de habitat, levando as pessoas em turnês pelas principais cidades européias. A trupe Bella-Coola em questão foi recrutada por Johan Adrian Jacobsen, viajante norueguês, a serviço de Carl Hagenbeck, emblemático empresário de zoológicos humanos. O alemão de Hamburgo, Carl Hagenbeck, iniciou sua carreira no ramo de venda e exibição de animais exóticos, em seguida expandindo para espetáculos que juntavam pessoas e animais, denominando seus shows como zoo-antropológicos².

² Carl Hagenbeck é apontado como um dos grandes personagens que formulou o zoológico humano enquanto gênero performático e de exibição no ano de 1874, ao exibir um grupo Sami (descrito como uma família de lapões) ao lado de renas, na cidade de Hamburgo. Os shows de Carl Hagenbeck foram nomeados de “exibições zoo-antropológicas” ou *anthropologisch-zoologischen Ausstellungen*, o que denota as relações do espetáculo com a autoridade científica, apontando para duas áreas de conhecimento, a zoologia e a antropologia. Para mais informações sobre as exposições promovidas por Carl Hagenbeck, ver Thode-Arora (1989) e Eric Ames (2008). Para uma discussão mais ampla sobre os zoológicos humanos, que abarca diversos empresários e contextos nacionais, ver Blanchard et al. (2002).

Os indígenas anunciados como Bella-Coola auto-denominava-se Nuxalk³. A trupe recrutada por Jacobsen era formada por nove homens⁴ que chegaram na Alemanha pelo porto de Bremen, em agosto de 1885. As primeiras apresentações aconteceram respectivamente nos zoológicos de Leipzig e Dresden. Em seguida foram exibidos em diversas cidades alemãs⁵, chegando a Berlim em janeiro de 1886, para se apresentarem em um teatro próximo aos Portões de Brandemburgo, o Kroll'sches Etablissement. O teatro era formado por um edifício e amplo espaço de jardins com o “teatro de verão”, onde aconteciam também apresentações a céu aberto.

Os *Völkerschauen*⁶ ou zoológicos humanos de Carl Hagenbeck eram empreendimentos de objetivo claramente financeiro, o que não os impedia de serem entretenimentos que se pretendiam educativos. Eram espetáculos de dupla função, que serviam tanto para entreter como para “ilustrar” o público, atraindo leigos, amadores e cientistas, dentre eles antropólogos. A antropologia e etnologia do século XIX utilizou-se em larga medida dos zoológicos humanos como campo de pesquisa, podendo-se afirmar que o retrato da antropologia desse período como “antropologia de gabinete” seria impreciso, uma vez que os espetáculos de zoológicos humanos serviram como campos de pesquisa transpostos para a Europa. É no contexto da prática científica da época que Franz Boas desenvolve um estudo sobre a língua Bella-Coola, a partir de uma investigação de cerca de duas semanas, enquanto o grupo encontrava-se em cartaz em Berlim. Franz Boas não foi o único cientista da época a fazer pesquisa com a trupe. Os Bella-Coola foram medidos pela antropologia física da época, dispondo seus corpos

³ Franz Boas (1886a) transcreve a etnia como “Nuxalkimj” no artigo do Berliner Tageblatt, e em artigo da conferência da Sociedade Berlinense de Antropologia (BGAEU), Boas (1886b) refere-se ao grupo como “Nuxalk”.

⁴ Seus nomes eram Pohpoh, Kakilis, Quinóm, Hamschik, Nuskelusta, Ichlequama, Alkius, Jakutlas e Nillekmalschik, de acordo com as fichas antropométricas de Rudolf Virchow (1886a).

⁵ Ao leitor interessado na trajetória do grupo, Haberland (1999) apresenta uma tabela com as cidades, locais e datas das apresentações.

⁶ O termo alemão *Völkerschau* pode ser traduzido ao pé da letra como “show etnográfico” ou “exibição de povos”. Em português a tradução direta não carrega a dimensão racializada das exibições, como acontece na língua alemã. Por isso utilizo o termo zoológicos humanos, conceituação recente da historiografia francesa sobre a exibição de pessoas, que permite reler os eventos à luz do paradigma pós-colonial. Ao ser entendido como conceito, a discussão sobre zoológicos humanos nos habilita a rever as estruturas em que as exibições de pessoas costumavam acontecer, permitindo assim uma nova compreensão das “exibições antropológicas” e das exposições universais e coloniais. Se até então havia uma bibliografia que tratava das exposições de finais do século XIX muitas vezes como símbolos da modernidade, a reflexão sobre o estatuto da exibição de pessoas em tais eventos habilita uma nova compreensão de suas estruturas, o que faz com que não seja mais possível naturalizar afirmações como: “Boas encontrou um grupo Bella-Coola”, sem problematizar as condições em que se deu esse encontro.

como objetos da antropometria de Rudolf Virchow e Aurel Krausel, seus cantos foram estudados pelo musicólogo Carl Stumpf e seus artefatos materiais estudados por Adolf Bastian. O grupo serviu de objeto a um amplo espectro de áreas disciplinares, como a linguística, etnologia, antropologia e musicologia.

Os zoológicos humanos serviram de campo principalmente para a antropologia física. Foram fundamentais também para a formação do museus etnográficos, pois em conjunto com as trupes eram coletados objetos que ficavam expostos durante os espetáculos, sendo vendidos a museus ao final das turnês. Que os espetáculos de zoológicos humanos fazem parte da história da antropologia física, eis um fato já referenciado por ampla bibliografia⁷. Esta pesquisa gostaria de investigar as possíveis relações entre zoológicos humanos e a antropologia cultural, tomando Franz Boas para isso. Trata-se de levantar questões que intencionam refletir sobre o tema, mas que não necessariamente tem a pretensão de serem respondidas no corpo deste trabalho.

Em que medida os formatos dos zoológicos humanos poderiam ter influenciado no desenvolvimento das concepções museais e de cultura em Franz Boas? Como eu afirmei em outro lugar, se a antropologia física tinha um interesse nos zoológicos humanos enquanto fonte de “corpos primitivos” para compor “tipos raciais”, a totalidade do espetáculo estaria mais próxima do paradigma da antropologia cultural, isto é, que re(a)presenta a cultura em seu sentido largo: modos de vida, de saber e de fazer. Enquanto os antropólogos físicos estavam majoritariamente preocupados com o corpo primitivo, medições de crânios e fotografias em fundo vazio, o espetáculo dos zoológicos humanos estava voltado para o show enquanto performance cultural, o corpo em seu contexto.

O meu interesse por investigar Boas e os zoológicos humanos iniciou-se justamente por perceber que há pouca literatura que de fato investigue a questão. Os autores germânicos citam a passagem de Boas e o *Völkerschau* Bella-Coola, enquanto os autores anglófonos geralmente citam a participação e organização de Boas na exibição Kwakwaka'wakw da Exposição Universal de Chicago de 1893. No campo dos que pesquisam sobre os zoológicos humanos, os autores raramente se debruçam sobre a importância desses eventos no desenvolvimento das concepções do próprio Franz Boas.

⁷ Ver Thode-Arora (1989); Zimmerman (2001); Riedl (1996); Vieira (2019); Oksiloff (2001); Lange (2006).

Por outro lado, os pesquisadores que estudam Boas, não compreendem essas exposições a partir do aparato conceitual que discute as implicações da exposição de pessoas como entretenimento ao longo do século XIX e início do XX, não problematizando o significado do evento, incorrendo no risco de tomar tais espetáculos como eventos puramente científicos.

Este artigo reconstitui a exibição Bella-Coola em Berlim, em seguida analisa um texto um tanto quanto esquecido de Franz Boas sobre suas observações feitas no campo berlinense, no Kroll'sches Etablissement. Embora seja um artigo curto, publicado em jornal de circulação diária, veremos quais as impressões do autor sobre a exibição e como desde já Boas tinha uma visão holista, que privilegiava aspectos da própria performance teatral de zoológicos humanos. Isto é, aquela em que as pessoas performam à si mesmas e à sua própria cultura. Em seguida, discute-se a importância dos zoológicos humanos para a antropologia física alemã da época.

A performance Bella-Coola

As apresentações Bella-Coola foram estruturadas em torno de danças e rituais, ritmados por tambores e cantos. O empresário teria tido trabalho para convencer a trupe a apresentar cerca de sete danças e cerimônias de caráter religioso diante do público (Haberland, 1999). As performances incluíam também o uso do arco e flecha, jogos de adivinhação indígena, um ritual em que o xamã supostamente atiraria fogo em seu próprio corpo, o que foi muitas vezes lido como uma espécie de truque de magia pelo público da época (Lange, 2014), e uma encenação do festival do Potlatch, com troca de bens entre os indígenas. Este último ritual da dádiva foi encenado, apesar de estar proibido pelas leis canadenses desde o ano de 1884⁸.

Os nove integrantes da trupe foram fotografados antes do início da turnê em Hamburgo, por E. Harttorff, e em Berlim por Carl Günther. Na coleção do Museu Etnográfico de Berlim constam um total de treze fotografias dos Bella-Coola, pertencentes ao antigo acervo de imagens da Sociedade Berlinense de Antropologia. Dentre as treze fotografias, apenas quatro são de autoria de Harttorff. Essas imagens

⁸ Para mais informações ver Christopher Bracken (1997).



Figura 01: Fotografia dos integrantes da trupe Bella-Coola: Pohpoh, Kakilis, Quinóm, Hamschik, Nuskelusta, Ichlequama, Alkius, Jakutlas e Nillekmalschik. Berlim, 1886. Autor: Carl Günther. Fonte: Museu Etnográfico de Berlim, n. VIII E NIs.

eram compostas tanto por retratos individuais, como por fotografias do grupo, como vemos na figura 1, em que os integrantes posam para as lentes de Carl Günther, vestindo as roupas rituais com as quais se apresentariam diante do público. Apesar de figurarem na coleção da Sociedade Berlinense de Antropologia, essas fotografias também eram vendidas como lembrança do show promovido por Carl Hagenbeck e Johan Jacobsen.

Uma coleção de cerca de 1500 objetos ficava à mostra em conjunto com a trupe, adaptada aos locais em que o grupo era exibido. Os objetos eram, em sua maioria, máscaras cerimoniais, mantas e totens de madeira, de propriedade da empresa Carl Hagenbeck, tendo sido coletados por Johan Jacobsen e seu irmão Philipp. Haberland (1999) afirma que alguns objetos foram esculpidos pelos Bella-Coola na Alemanha, com a finalidade de venda. Ao menos durante as exposições no zoológico de Leipzig, os Bella-Coola ficaram abrigados em cabana construída por eles mesmos, feita com cedro e à maneira nativa, decorada na fachada com uma baleia em cores vivas (ibid.). Muito provavelmente a cabana fazia parte da cenografia habitual do show, sendo levada em turnê junto com os homens e seus objetos.

A trupe Bella-Colla pode ser entendida como uma exceção entre os grupos que trabalhavam para Carl Hagenbeck, pois era formada apenas por homens. Os *Völkerschauen* de Hagenbeck tentavam recrutar homens e mulheres das mais diversas

idades, para criar a ilusão de família. A integração com o habitat e a concepção de família eram importantes para criar a impressão de que o espectador de fato estaria viajando a um local distante e conhecendo seus habitantes. As exposições com crianças eram especialmente admiradas.

As apresentações Bella-Coola não foram bem sucedidas do ponto de vista financeiro. O público estranhou uma trupe que escapava do formato “família”, e há relatos de que os alemães da época chegaram a desconfiar de que não se tratavam de “índios de verdade”, uma vez que os Bella-Coola não se enquadravam no estereótipo fenotípico dos “índios norte-americanos” a que o público alemão estava habituado — marcado principalmente pela ideia da “pele vermelha”, nariz aquilino e adereços de pena. Essas imagens foram bastante divulgadas na literatura de Karl May, bem como pelos próprios *Völkerschauen* de indígenas Sioux promovidos por Carl Hagenbeck e em shows de Buffalo Bill, que faziam grande sucesso na Alemanha. Britta Lange (2014) afirma que, para aumentar as dificuldades do show Bella-Coola, uma trupe Sioux estava em turnê no país naquele ano, promovida pelo empresário Catlin. O fato de que esta foi a primeira e única trupe Bella-Coola a se apresentar na Europa demonstra que o empreendimento não foi repetido, pois não se mostrou rentável (*ibid.*).

O próprio Jacobsen teria afirmado mais tarde em suas memórias que o público geral não teria gostado muito do show Bella-Coola, ao contrário dos acadêmicos: “Only the scholars thought that this was the most magnificent ever to be shown in this field” (Jacobsen, *apud* Haberland, 1999; 358). Veremos a seguir algumas percepções de Franz Boas e outros acadêmicos sobre o espetáculo Bella-Coola.

Franz Boas e o Espetáculo: Interpretações do Artigo do Berliner Tageblatt

Alguns dias após a chegada da trupe Bella-Coola em Berlim, pesquisadores da Sociedade Berlinense de Antropologia, Etnologia e Pré-História (BGAEU⁹) foram ao Kroll'sche Etablissement para ver de perto os primeiros habitantes indígenas da costa noroeste americana a pisar na Alemanha. Como os *Völkerschauen* tinham a

⁹ Abreviação em alemão para *Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte* — a que irei me referir a partir de agora por sua abreviação, ou simplesmente como “Sociedade Berlinense de Antropologia”.

característica de serem mostras que imbricavam ciência e espetáculo, uma reunião especial foi organizada, no dia 19 de janeiro de 1886. Nas palavras de Rudolf Virchow, diretor da instituição científica, os nove indígenas teriam sido exibidos “em uma apresentação festiva especial aos membros da Sociedade e a várias outras pessoas convidadas¹⁰”. Para a abertura desta exibição, três membros da sociedade científica realizaram palestras. Virchow e Bastian apresentaram explicações no sentido antropológico e etnológico, e Aurel Krausel aportou um breve panorama sobre os povos da costa noroeste americana.

Menos de uma semana após este evento inaugural, Franz Boas publicou um pequeno artigo em um jornal de notícias diárias sobre os indígenas Bella-Colla, a partir das apresentações presenciadas em Berlim. O jornal *Berliner Tageblatt*, de 25 de janeiro de 1886, traz em primeira mão as impressões de Franz Boas sobre um *Völkerschau*, show étnico ou zoológico humano. O título do artigo, *Os Índios Bella-Coola do Capitão Jacobsen* [Kapitän Jacobsens Bella-Coola-Indianer], demonstra desde já que Boas limitava-se a descrever os hábitos que vira nos últimos dias decorridos na casa de entretenimentos berlinense. A referência a Jacobsen desde o título, que era seu amigo, é constante ao longo do texto, e funciona como uma forma de agradecimento que referenda as práticas de trocas mútuas entre pesquisadores e empresários de zoológicos humanos. Enquanto os pesquisadores ganhavam oportunidades de fazerem campo, os empresários e seus shows recebiam legitimidade e autoridade científica.

Franz Boas inicia o seu artigo ensaiando o que seria aparentemente uma crítica aos zoológicos humanos, apenas para em seguida justificar a existência de tais eventos e mesmo agradecer aos empresários responsáveis. Por se tratar de um jornal diário, o artigo era endereçado a um público amplo e em sua maioria leigo.

Há muito tempo tornou-se moda trazer representantes de tribos estrangeiras para a Europa, para nos apresentar, na medida do possível, suas vidas e costumes. O filantropo pode muito bem suspeitar da licitude de tais exposições quando vê sucumbir o pobre australiano ou o poderoso esquimó sob a influência do clima estrangeiro — quando alguns indivíduos são mais admirados por

¹⁰ “Die gegenwärtig hier anwesenden 9 Bella-Coola-Indianer wurden schon einige Tage nach ihrer Ankunft, am 19. Januar, in einer besonderen Festvorstellung den Mitgliedern der Gesellschaft und zahlreichen anderen eingeladenen Personen vorgeführt” (Virchow, 1886a; 206).

conta de sua construção corporal marcante do que por despertar no observador uma ideia vívida dos costumes e práticas do povo¹¹.

Ao citar casos de pessoas que teriam “sucumbido” diante do clima Europeu, Boas reconhece as altas taxas de mortalidade entre as trupes de *Völkerschauen*. Mais que isso, a partir do seu primeiro parágrafo podemos inferir que existiam vozes críticas a estas formas de espetáculos, mas que Boas parece criticar os zoológicos humanos apenas na medida em que reduzem as práticas e costumes de um povo à estranheza de seus corpos. Desta forma, parece haver duas interpretações possíveis e complementares para esse argumento. A primeira é a de que Boas estivesse criticando o público em geral, por valorizar no espetáculo apenas as características corporais. A segunda é de que ele estivesse fazendo uma crítica a antropologia física, que em busca da construção de tipos raciais por meio de estudos antropométricos, preocupava-se apenas com os supostos “corpos primitivos”, na medida em que quanto mais exótico dentro de uma suposta tipicidade racial, mais interessante tornava-se este corpo. As duas interpretações são complementares, sendo provável que ele se dirigisse a ambos os casos, uma vez que tanto o espectador que buscasse assistir a um *Völkerschau* como se fosse um simples *freak show*, quanto o antropólogo biológico desprezariam a visão holista do espetáculo, que tentava representar, ainda que de forma falha, ou como expressa Boas, “na medida do possível”, a totalidade do modo de vida de um povo.

Em seguida, Boas elogia o espetáculo promovido pelos Bella-Coola e Jacobsen, diferenciando-o justamente por ser capaz de permitir ao espectador uma visão sobre seus costumes.

De figuras completamente diferentes tratam-se os fortes Bella-Coola. Nós devemos nossos sinceros agradecimentos aos corajosos viajantes Capitão Adrian e Phillip Jacobsen, que nos deram a oportunidade de ter uma visão sobre esta exótica cultura [Kulturkreis]. Assistimos aqui admirados a uma maravilhosa técnica no uso da faca de esculpir e do pincel, e a um senso artístico bem desenvolvido. As danças, que essencialmente constroem o conteúdo das apresentações, não são apenas interessantes através de uma notável regularidade das figuras, mas também por conta da música peculiar, que as acompanham ao

¹¹ “Seit längerer Zeit ist das zur Mode geworden, Vertreter fremder Völkerstämme nach Europa zu bringen, um uns, so weit es möglich ist, ihr Leben und Treiben vor Augen zu führen. Wohl mag dem Menschenfreunde ein Verdenken and der Zulässigkeit solcher Schaustellungen aussteigen, wenn er den armseligen Australier oder den kräftigen Eskimo unter dem Einflusse des fremden Klimas dahinsiechen sieht — wenn einige Individuen mehr ihres auffallenden Körperbaues wegen angestaunt werden, als dem Beschauer eine lebhaftere Vorstellung von den Gebräuchen und dem Treiben des Volkes erwecken” (Boas, 1886a).

fundo. Nós não observamos a um tão alto grau de desenvolvimento da arte da dança em nenhum dos inúmeros povos que aqui foram exibidos no correr dos anos. Como eles se movem graciosamente em grupos aprazíveis durante a “dança de salão”; que fanatismo acende aos olhos, representado nos lábios bem abertos e nas selvagens contorções da dança canibal religiosa! Nos vimos em meio a um mundo estrangeiro, cujas concepções e costumes tomaram um curso distinto do nosso, mas aos quais nós temos que reconhecer um alto estado cultural [Kulturzustand]¹².

As formas artísticas do grupo, música, técnicas de escultura, e principalmente a dança produziram uma *mise en scène* capaz de fazer com que Franz Boas se sentisse em um mundo estranho e estrangeiro, exatamente o tipo de experiência que Carl Hagenbeck tentava proporcionar em seus shows, o de uma viagem a locais exóticos sem sair de casa¹³. As performances adaptavam para um público largo, e muitas vezes iletrado, a experiência dos relatos de viajantes, a sensação do “estar lá”, a tão valorizada experiência do trabalho de campo etnográfico. Franz Boas torna-se espectador do show, e justamente pela eficácia como mídia imersiva, o zoológico humano e sua performance o conquistam. O “fanatismo que acende aos olhos” pode ser entendido como o transe da dança Hamatsa, descrito através da maneira como os lábios e as contorções do corpo interpretam [spielen] a performance.

No breve espaço de um terço de uma folha de jornal que lhe fora reservado, Franz Boas opta por “apenas descrever brevemente a abundância de características interessantes que são oferecidas ao espectador¹⁴”. Destaca o festival da dádiva, dando uma breve descrição de como os chefes se desfazem de seus bens em troca de prestígio

¹² “Ganz anders reden da Gestalten, wie die kräftigen Bella Coolas, an und wir wissen den sühen Reisenden Kapitän Adrian und Philipp Jacobsen aufrichtigen Dank, daß sie uns Gelegenheit gegeben haben, einen Einblick in diesen fremdartigen Kulturkreis zu gewinnen. Hier erblicken wir staunend eine wunderbare Technik im Gebrauch des Schnitzmessers und des Pinsels und einen sein durchgebildeten Kunstsinn. Die Tänze, welche den wesentlichen Inhalt der Aufführungen bilden, sind nicht nur durch eine hervorragende Regelmäßigkeit der Figuren interessant, sondern auch durch die eingenthümliche Musik, welche ihnen zu Grunde liegt. Wir haben bei keinem der zahlreichen Völker, welche hier im Laufe der Jahre ausgestellt waren, eine in so hohem Grade ausgebildete Tanzkunst beobachtet. Wie zierlich bewegen sie sich in gefälligen Gruppen beim “Gesellschaftstanz”; welche Fanatisirung leuchtet aus dem Auge, spielt aus den weit geöffneten Lippen und den wilden Verrenkungen des religiösen Kannibalen-Tanzes! Wir sahten uns, mitten in eine fremde Welt versetzt, deren Anschauungen, deren Sitte einen von der unseren weit verschieden Lauf genommen hat, der wir aber einen hohen Kulturzustand zuerkennen müssen” (Boas, 1886a).

¹³ A preços irrisórios criava-se a ilusão de ter acesso a culturas distantes, sem sair de casa. Parafrazeando o famoso título do livro de Thode-Arora (1989), era possível realizar “A volta ao mundo com cinquenta centavos” (tradução livre) [Für fünfzig Pfennig um die Welt].

¹⁴ “Ich wage nur auf die Fülle des Interessanten hinzudeuten, das dem Beschauer geboten wird” (Boas, 1886a).

e afirma que “sem dúvida, o ápice da apresentação é a dança Hamatsa¹⁵”, descrita como a dança canibal. Assim como as outras danças do grupo, é performada em uma cerimônia religiosa em que seus participantes usam máscaras de animais e imitam seus movimentos. Ao final das exibições o espectador poderia ver de perto os objetos materiais usados pelos indígenas.

Devido às apresentações dos índios, a rica exibição de instrumentos ganha extraordinário interesse. Lá pode-se olhar calmamente todos os objetos, que foram contemplados antes em uso: as estranhas máscaras, os chocalhos, que representam cabeças humanas e de pássaros, os chapéus de dança esculpidos, os anéis de pescoço e cabeça feitos de bastão de cedro verdadeiro, o aparato mágico do xamã e etc.

Maravilhosos são alguns dos totens das casas, que esculpidos em troncos, representam a árvore genealógica. Não menos notáveis são os utensílios de pedra belamente lapidados, machados, martelos, tigelas e similares. O motivo recorrente de todas as decorações nesses objetos, bem como nas roupas, é um olho estilizado.

Um senso de arte altamente desenvolvido é expresso em todos esses objetos, e isso não é menos evidente na música e na poesia desse povo¹⁶.

Os objetos, que foram o primeiro contato de Boas com a cultura indígena da costa noroeste no ano anterior à exibição da trupe, reaparecem aqui como que imbuídos de um novo sentido, dado a partir do espetáculo e do contato com os homens da trupe. A visão dos rituais restabelece o sentido prático dos objetos, que haviam fascinado Boas antes por sua dimensão puramente estética.

Para finalizar seu artigo no *Berliner Tageblatt*, Boas reafirma seus agradecimentos a Jacobsen, por ter lhe dado a oportunidade de entrar em contato com um povo que estaria “em vias de desaparecimento”.

A cultura peculiar deste povo está sendo rapidamente suplantada pela civilização invasora, e é de se temer que em muito pouco tempo nada dela restará. Devemos ser ainda mais gratos ao Capitão Jacobsen, que

¹⁵ “Die Krone der Aufführungen ist ohne Zweifel der Hamatsatanz” (Boas, 1886a).

¹⁶ “Durch die Aufführungen der Indianer gewinnt die reichhaltige Ausstellung von Geräthen ungemein an Interesse. Dort kann man mit Ruhe all die Gegenstände, welche vorher im Gebrauch zu sehen waren, betrachten: die merkwürdigen Masken, die Tanzrasseln, welche Vögel und Menschenköpfe darstellen, die geschnitzten Tanzhüte, die Hals- und Kopfringe aus echtem Cederbast, die Zauberapparate der “Medizinemänner”, u.s.w. Wunderbar schon sind einige der geschnitzten Hauspfeiler, welche diese Stämme auszurichten pflegen, und die den Familienstammbaum darstellen; nicht minder merkwürdig sind die schön geschnittenen Steingeräthe, Axte, Hämmer, Schalen u. dgl. Das immer wiederkehrende Motiv aller Verzierungen an diesen Gegenständen wie auch an der Kleidung ist ein stilisirtes Auge. In all diesen Gegenständen äußert sich ein hochentwickelter Kunstsinn, der nicht minder in der Musik und Poesie dieses Volkes zur Geltung kommt” (Boas, 1886a).

nos trouxe esta tribo, que é interessante não apenas para os homens de ciência, mas que também oferece ao leigo mais que uma mera satisfação da curiosidade e voyeurismo, já que as esplêndidas exposições destes índios permite-nos ao mesmo tempo lançar um olhar profundo sobre o estado cultural [Kulturstand] dos povos da América do Norte¹⁷.

Nas palavras do próprio Boas, foram as exposições do *Völkerschau* que o permitiram “lançar um olhar profundo” sobre este povo. Este pequeno artigo demonstra em primeira mão os relatos de um Franz Boas cientista fascinado com as formas de vida apresentadas em um espetáculo antropológico, e ao mesmo tempo o Franz Boas espectador, em uma experiência que irá definir sua conversão à antropologia. No outono de 1886, mesmo ano em que participa de seu campo berlinense junto aos Bella-Coola, Boas parte para sua primeira viagem e pesquisa de campo na costa noroeste americana. De acordo com Stocking (1968), é este período entre 1885 e 1887 que define a sua mudança de geógrafo a antropólogo — período que abarca as experiências no Museu Etnográfico de Berlim, as exposições Bella-Coola e sua primeira viagem à costa noroeste americana.

Douglas Cole (1982) considera que o artigo do *Berliner Tageblatt* teria sido escrito principalmente a partir das explicações dadas por Jacobsen a Boas. O artigo, na verdade, foi escrito em larga medida a partir do que o próprio Boas observou no espetáculo. Em uma passagem, Boas cita os relatos de Johan Adrian Jacobsen como sendo a fonte da explicação de que os dançarinos Hamatsa fariam parte de uma casta sagrada. Em certa medida, pode-se considerar que as explicações do empresário viajante funcionavam também como parte do show, uma vez que o empresário costumeiramente atuava também como showman, que introduzia certos aspectos narrativos à apresentação, geralmente a partir de uma pequena palestra sobre o local e o povo a ser representado no zoológico humano. Assim, as explicações de Jacobsen faziam parte e complementavam a performance observada por Boas em Berlim.

¹⁷ “Die eigenartige Kultur dieses Volkes wird unglaublich rasch durch die eindringende Civilisation verdrängt, und es ist zu fürchten, daß in ganz kurzer Zeit nichts davon übrig sein wird. Um so dankbarer müssen wir Kapitän Jacobsen sein, daß er uns diesen Stamm zugeführt hat, der nicht nur für die Männer der Wissenschaft interessant ist, sondern auch dem Laien mehr als eine bloße Befriedigung der Neugierde und Schaulust bietet, da die glänzenden Schaustellungen dieser Indianer zugleich einen tiefen Blick in den Kulturzustand der Völker des nordwestlichen Amerikas zu werfen erlauben” (Boas, 1886a).

Cole afirma que “em certo sentido, a primeira experiência de campo de Franz Boas na Costa Noroeste aconteceu em janeiro de 1886 em Berlim, no Kroll'sche Etablissement¹⁸”, e considera que o artigo publicado no *Berliner Tageblatt* teria valor apenas por ser “a primeira indicação impressa do que se tornaria um caso de amor¹⁹” entre Boas e os indígenas da costa noroeste americana, uma vez que semanas após uma maior convivência com o grupo, Boas escreveria “coisas completamente diferentes”.

Eu considero que o artigo do *Berliner Tageblatt* tem muito mais a contribuir com a complexa história entre o desenvolvimento da ciência antropológica e os zoológicos humanos. Temos ali um fragmento que pode vir a iluminar desenvolvimentos posteriores da carreira de Boas, bem como assistimos, através desse documento, ao espetáculo visto pelos olhos do futuro pai da antropologia cultural.

Em decorrência do trabalho de campo no *Völkerschau* em Berlim, Franz Boas escreve mais dois artigos, um publicado no Jornal da Sociedade Berlinense de Antropologia (Boas, 1886b), e outro na revista norte-americana *Science* (Boas, 1886c). Este último foi publicado em inglês, como uma versão resumida do artigo em alemão apresentado na revista da Sociedade Berlinense. Nestes dois casos, Boas foca-se nos aspectos da língua Bella-Coola, fazendo longas transcrições fonéticas e descrições gramaticais. Do ponto de vista da antropologia contemporânea, a descrição do espetáculo publicado no jornal diário *Berliner Tageblatt* é muito mais interessante e atual do que seu estudo sobre linguagem.

O cartaz do zoológico humano Bella-Coola (figura 02) apresenta em cores vivas a performance da dança, acompanhada pela música e ritmo dos tambores. A ilustração é inspirada pelos motivos da arte indígena da costa noroeste. Vestidos em seus trajes de máscaras animais, o grupo é representado em movimento ritmado, como que convidando o espectador a assistir a dança. Na moldura superior do cartaz, dois homens posam em perfil, ampliando os detalhes da pintura de rostos, máscara e adereços. Uma composição de máscara, flechas e outros objetos etnográficos adorna o centro da moldura superior, aludindo ao espectador sobre a coleção etnográfica que acompanhava as exposições. Na moldura lateral está descrito o nome do grupo, o local e o horário das

¹⁸ “(...) in a sense. Boas' first Northwest Coast field experience occurred in January 1886 at Berlin's Kroll'sche Etablissement” (Cole, 1982; 119).

¹⁹ “(...) the article's importance is largely emblematic — as the first printed indication of what would become a long love-affair with the Northwest Coast” (Cole, 1982; 199).



Figura 02: Cartaz do zoológico humano Bella-Coola no Kroll'sche Etablissement. Hamburgo, 1885. Autor: Adolph Friedländer. Fonte: Acervo online Akg-images.



Figura 03: Fotografia da encenação ritual Bella-Coola, "Dança de Inverno". Berlim, 1886. Autor: Carl Günther. Fonte Museu Etnográfico de Berlim, n. VIII E Nls 3.

exibições. O anúncio exorta que ficariam por apenas pouco tempo na cidade, ao custo de cinquenta centavos.

As semelhanças entre a representação do cartaz e as fotografias de Carl Günther (ver figura 02 e figura 03) revelam a intermedialidade que costumava ocorrer na circulação das imagens que formam os shows populares de zoológicos humanos. Era comum haver uma influência mútua entre iconografia de viajantes, fotografias, cenografia de zoológicos humanos e montagem de dioramas e habitats museais. As convenções representacionais construídas pelo show de Jacobsen em Berlim formulam uma cena que poderá ter influenciado montagens de museu posteriores a esse evento.

Zoológicos Humanos e a Sociedade Berlinense de Antropologia

Na mesma publicação da Revista da BGAEU, Rudolf Virchow (1886a) apresenta um longo artigo de cunho antropométrico sobre os Bella-Coola, sob o título “O Exame Antropológico dos Bella-Coola” [*Die anthropologische Untersuchung der Bella-Coola*]. Virchow foca-se nos aspectos corporais, descrevendo as medidas antropométricas, ângulos do crânios, cor da pele, cicatrizes e tatuagens, argumentando que “não pode ser meu trabalho aqui dar um relato completo da exposição de índios Bella-Coola e suas várias apresentações e danças, por mais estranhas e interessantes que sejam²⁰”. Virchow fica intrigado com a cor da pele dos Bella-Coola, que em sua tabela estaria mais próxima da do europeu do que da do indígena “pele vermelha” e cogita que, como em sua percepção se pareceriam com japoneses, que a imigração do homem americano teria vindo da Ásia. Para tentar encontrar resquícios linguísticos desta imigração entre os Bella-Coola, Virchow seleciona os seus “melhores alunos japoneses²¹” estudantes de medicina, e pede que tentem conversar com os Bella-Coola. Ao que não houve comunicação possível.

²⁰ “Es kann hier nicht meine Aufgabe sein eine vollständigen Bericht über die Ausstellung der Bella-Coola-Indianer und über ihre verschiedenen Aufführungen und Tänze zu geben, so merkwürdig und interessant dieselben auch sind” (Virchow, 1886a; 209).

²¹ “Ich nahm daher aus der der jugen Japaner, die bei uns Medicin studiren, die besten mit mir und sie, den Versuch zu machen, ob sie in der Sprache der Bella-Coola irgend ehe Reminiscenzen an ihre Muttersprache heraushören oder durch Nachfragen stellen könnten. Aber nichts der Art wurde ermittelt: gerade die Bezeichnungen die gewöhnlichsten Dinge waren ganz und gar abweichend” (Virchow, 1886a; 211).

Nas publicações da BGAEU tanto Boas quanto Virchow furtam-se a a descrever os aspectos performáticos do *Völkerschau* Bella-Coola, atendo-se o primeiro à linguística e o segundo à antropometria. Assim como Boas, Virchow aproveita a ocasião de sua publicação para agradecer a Jacobsen por trazer pessoas desta “distante área costeira²²”.

Em comunicação de 18 de dezembro da Sociedade Berlinense de Antropologia, Rudolf Virchow relata as atividades da sociedade desenvolvidas ao longo do ano de 1886, e cita mais uma vez as apresentações Bella-Coola, dentre outras observadas naquele ano em Berlim. O diretor da Sociedade Antropológica utiliza o espaço desta comunicação para defender o uso dos zoológicos humanos como campo de pesquisa. A grande quantidade de trupes que circularam em Berlim naquele ano é descrita como difícil de acompanhar, principalmente para profissionais como ele, que era ao mesmo tempo médico e antropólogo.

A apresentação de nativos que são antropologicamente interessantes de partes estrangeiras do mundo, às vezes tem tomado uma dimensão que parece excessiva para nós, quase todos que exercemos a antropologia como uma ocupação secundária. Aos Bella-Coola seguiram-se os Sioux, depois dos N/Tschaba veio o Príncipe Dido dos Camarões (...). O valor da investigação de indivíduos vivos para os antropólogos especialistas deve ao fim ser também compreensível para os leigos. Apesar de surgirem sempre discussões na imprensa sobre se não seria o bastante ter os relatos dos viajantes, e se não se deveria atuar e proibir totalmente este tipo de exibição. A isto deve-se responder que para as ciências da natureza, a percepção nunca deve ser trocada por meras descrições, e que os perigos a indivíduos específicos devem ser evitados através do cuidado e atenção do empresário, na medida em que as pessoas não estão muito mais expostas na Europa do que em seu país natal²³.

²² “Ich sage Hrn. Capt. Jacobsen, der uns schon so viel des aus jenen fernen Küstengebieten gebracht und berichtet hat, im Namen der Gesellschaft vielen Dank dafür” (Virchow, 1886a; 207).

²³ “Die Vorführung anthropologisch interessanter Eingeborener aus fremden Welttheilen hat zeitweise eine Ausdehnung angenommen, dass es für uns, die wir fast alle die Anthropologie nur als Nebenbeschäftigung betreiben können, zu viel wurde. Den Bella-Coola-Indianern folgten Sioux, nach den N/Tschabba kam Prinz Dido von Kamerun mit grossem Gefolge, eine Schaar Schwarzer von St. Croix brachte auch die amerikanische Linie der Neger zur Anschauung. Heute noch sehen wir den Muluba-Knaben, den Hr. Wolf vom Süd-Congo-Gebiet mitgebracht hat, unter uns. Welchen Werth die Untersuchung lebender Individuen für den Anthropologen vom Fach haben, sollte am Ende auch dem Laien verständlich sein. Trotzdem entstehen immer wieder Erörterungen in der Presse darüber, ob es nicht genüge, die Beschreibungen der Reisenden zu haben, und ob man nicht dahin wirken solle, diese Art von Vorführung ganz zu unterdrücken. Darauf ist zu erwidern, dass in den Naturwissenschaften die Anschauung niemals durch blosser Beschreibungen zu ersetzen ist, und dass die Gefahren für die einzelnen Individuen durch Vorsicht und Aufmerksamkeit der Unternehmer soweit zu vermeiden sind, dass die Leute in Europa nicht erheblich mehr exponirt werden, als in ihrem Vaterlande” (Virchow, 1886b; 712).

Virchow admite que no passado ocorreram incidentes que colocaram em risco a vida dos integrantes das trupes, mas que poderiam ter sido evitados, principalmente se houvesse um controle mais rígido e maior responsabilização dos empresários²⁴. Tanto Boas quanto Virchow argumentam em favor do uso das exposições como locais legítimos de pesquisa, em resposta a argumentos filantropos e humanistas que vez ou outra eclodiriam na imprensa. Essas vozes contrárias às exposições provavelmente estavam impactadas com casos de trupes inteiras que morreram durante turnês, como foi o caso de um grupo esquimó exibido entre 1880 e 1881 por Carl Hagenbeck e Johan Jacobsen, que não foi vacinado ao chegar na Europa. Todos os integrantes morreram de varíola ao longo da viagem pela Europa (Thode-Arora, 2002).

Os pesquisadores da BGAEU viam-se em uma relação de troca e negociação com os empresários de zoológicos humanos. Se por um lado Virchow sugere que os empresários deveriam ser mais severamente responsabilizados por incidentes que pudessem acontecer às pessoas indígenas levadas à Europa, a constância de agradecimentos dos pesquisadores da época a Jacobsen, demonstra a importância que os empresários desempenhavam na rede de trocas com as sociedades científicas. Os performers das trupes em exposição submetiam-se às medições e inspeções, fazendo aparições especiais em sociedades científicas ou recebendo reuniões científicas em seus locais de exposições. Esses eventos dotavam os zoológicos humanos de uma legitimidade científica que era depois anunciada e incorporada às propagandas dos shows.

Tanto a antropologia francesa, britânica e alemã utilizaram-se em maior ou menor medida dos zoológicos humanos como campo de pesquisa empírica. Mas segundo Andrew Zimmerman (2001), na Alemanha o desenvolvimento da disciplina antropológica teria dependido mais dos sujeitos coloniais enviados para a Europa do que de cientistas que se deslocaram para as colônias. As performances não constituíam apenas oportunidades para estudos antropológicos: a cooperação com os cientistas era necessária para afastar suspeitas e conseguir as licenças e permissões para os shows

²⁴ “Es lässt sich leider nicht leugnen, dass recht schwere Unglücksfälle vorgekommen sind und dass manche derselben sich auch durch die grösste Vorsicht der Unternehmer nicht hätten vermeiden lassen, aber die Mehrzahl derselben ist doch durch die Schuld der letzteren herbeigeführt worden und es wird daher versucht werden müssen, die Verantwortlichkeit der Unternehmer strenger zu definiren, als es bis jetzt der Fall war” (Virchow, 1886b; 712).

diante das autoridades policiais, que geralmente viam com suspeitas o erotismo e a seminudez das apresentações.

O Jornal da Sociedade Berlinense de Antropologia²⁵ guarda diversos registros de encontros de seus pesquisadores com seus objetos de estudos em *Völkerschauen*. Havia relações de mão dupla e enriquecimento mútuo entre os empresários e as sociedades científicas e seus pesquisadores. Como o campo dos zoológicos humanos era também aberto a exposições de empresários charlatões, a Sociedade Berlinense de Antropologia servia como baliza para afastar as fraudes, uma vez que o público leigo e amador não seria capaz de fazer as distinções, muitas vezes tomando embustes por verdade, e outras, tomando trupes autênticas como embustes. Este foi o caso da trupe de indígenas Bella-Coola, que levantou desconfianças do público ao longo de sua turnê (Thode-Arora, 1989; Lange, 2006). As instituições que demonstraram o seu interesse pelo grupo prestaram o papel de dotar o espetáculo de prestígio científico: como foi o caso do Museu Etnográfico de Berlim, da Sociedade Berlinense de Antropologia e da Associação de Geografia de Halle. Os cientistas chegaram a emitir certificados de autenticidade para a trupe Bella-Coola: foi o caso de Rudolf Virchow, que emitiu certificado datado de 22 de janeiro de 1886 e do Prof. Kirchhoff de Halle, que emitiu documento de autenticidade em 17 de novembro de 1885 (Lange, 2014).

Os constantes agradecimentos dos pesquisadores a Jacobsen, sugerem que talvez o papel dos empresários de zoológicos humanos fosse mais importante para os antropólogos, fazendo circular uma grande quantidade de corpos e culturas etnografáveis na Europa, do que o papel da ciência para autenticar esses shows.

As Continuidades do evento Berlinense

A exposição da trupe Bella-Coola foi fundamental na carreira de Franz Boas. A conversão de Boas à antropologia acontece entre os anos de 1885 e 1887, justamente o período que compreende a sua atuação no Museu Etnológico de Berlim, o encontro com os Bella-Coola e a sua primeira viagem à costa noroeste americana. Nas palavras do próprio Franz Boas, quando recorda desta época mais de vinte anos depois, o trabalho

²⁵ Ver *Zeitschrift für Ethnologie. Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*.

no museu e a exibição da trupe aparecem como complementares em seu desejo de ir a campo estudar os Kwakiutl:

O início de minhas pesquisas [sobre os índios Kwakiutl] remonta ao ano de 1885. Naquela época, após meu retorno da América ártica, onde havia dedicado um ano ao estudo dos esquimós, tive a sorte de trabalhar no ambiente inspirador do Museu Real Etnográfico de Berlim, (...) sob a liderança de Adolf Bastian e Rudolf Virchow, cuja fama atraía antropólogos de todas as partes do mundo (...).

Acontece que naquela época haviam chegado as extensas coleções feitas pelo Capitão Adrian Jacobsen na Colúmbia Britânica e no Alasca, e tiveram que ser catalogadas e instaladas no novo prédio do museu. Meus estudos esquimós atraíram minha atenção para a relação desta tribo peculiar com seus vizinhos do sul, e minha fantasia foi primeiramente atingida pelo vôo da imaginação exibido nas obras de arte dos habitantes da Columbia Britânica em comparação com a severa sobriedade do esquimó do leste (...).

Quando, durante o mesmo ano, o capitão Jacobsen e seu irmão Filip exibiram um grupo de índios Bella Coola em Berlim, a oportunidade foi assim dada de lançar um breve olhar por trás do véu que cobria a vida daquelas pessoas e alguns dos problemas gerais da região começaram a surgir²⁶.

Enquanto a riqueza dos objetos materiais atingem sua “fantasia” e “imaginação”, através das cores vívidas e formas peculiares das máscaras rituais, o zoológico humano surge como uma janela, enquadramento metafórico que permite desvelar a vida dos povos do noroeste americano. A figuração do espetáculo funciona como dispositivo que constrói a representação dos povos Bella-Coola e permite este encontro cultural, ainda que mediado por um olhar exotizante.

Quais seriam as extensões do encontro entre Franz Boas e o zoológico humano Bella Coola sobre os desenvolvimentos posteriores do autor? O leitor desavisado poderia argumentar que este foi um evento, que apesar de se encontrar na origem do interesse antropológico de Boas pelos Kwakiutl, seria apenas episódico na vida do

²⁶ “The beginning of my researches [on the Kwakiutl Indians] dates back to the year 1885. At that time, after my return from Arctic America, where I had devoted a year to the study of the Eskimo, it was my good fortune to work in the inspiring surroundings of the Royal Ethnographical Museum of Berlin, (...) under the leadership of Adolf Bastian and Rudolf Virchow, whose fame attracted anthropologists from all parts of the world (...). It so happened that at that time the extensive collections made by Captain Adrian Jacobsen in British Columbia and Alaska had arrived, and had to be catalogues and installed in the new museum building. My Eskimo studies had attracted my attention to the relation of this peculiar tribe to their southern neighbors, and my fancy was first struck by the flight of imagination exhibited in the works of art of the British Columbians as compared to the severe sobriety of the eastern Eskimo (...). When, during the same year, Captain Jacobsen and his brother Filip exhibited a group of Bella Coola Indians in Berlin, and opportunity was thus given to cast a brief glance behind the veil that covered the life of those people, and some of the general problems of the the region began to loom up” (Boas, 1909; 307).

antropólogo. A verdade é que Franz Boas irá ter contato com outros espetáculos de exibição de pessoas enquanto atuava nos Estados Unidos, já claramente como antropólogo. Durante a Exposição Universal de Chicago [*Chicago World Fair*] de 1893, Franz Boas foi o responsável por organizar a apresentação de um grupo Kwakiutl, recrutados por seu renomado informante, George Hunt. Cerca de 14 pessoas foram levadas do Forte Rupert e da Columbia Britânica até Chicago. Segundo Hinsley (1991) uma vila original do Skidegate foi desmontada e levada, junto com seus totens, para a ambientação da exposição. Durante a Exposição Universal de Saint-Louis, de 1904, Boas não participa diretamente com exibição de pessoas, mas apresenta artigo no Congresso de Ciências e Artes, que aconteceu no quadro da exposição universal, evento que abrigou uma série de zoológicos humanos.

Não se trata aqui de desprezar a importância de Franz Boas como um ferrenho combatente do racismo científico e do paradigma evolucionista, mas levantar questões que podem seguramente ajudar a refletir de forma mais aprofundada sobre o papel dos zoológicos humanos na antropologia. Como figura liminar que foi, Boas fará essa passagem do paradigma da antropologia física à antropologia cultural, e a herança dos zoológicos humanos podem tê-lo acompanhado nesta trajetória.

Este artigo demonstrou a importância de um espetáculo de zoológico humano em específico na carreira de Franz Boas, levantando questões, que embora ainda iniciais, podem nos ajudar a repensar desenvolvimentos posteriores do pai da antropologia cultural. A descrição da exibição Bella-Coola ajuda-nos a refletir de forma mais aprofundada sobre as características e status da exibição de pessoas em finais do século XIX. Os relatos e experiências vistos sob a perspectiva de Franz Boas permitem situar as relações estabelecidas entre ciência e espetáculos populares de zoológicos humanos. A leitura e reinterpretação do pouco lembrado artigo do *Berliner Tageblatt* ilumina tanto a compreensão do espetáculo descrito, quanto abre caminho para se pensar as teorias de Boas.

Referências Bibliográficas

- AMES, Eric. *Carl Hagenbeck's empire of entertainments*. Seattle: University of Washington Press, 2008.
- BLANCHARD, Pascal. et al. (org.). *Zoos humains: de la Vénus hottentote aux reality shows*. Paris: La Découverte, 2002.
- BOAS, Franz. Kapitän Jacobsens Bella-Coola-Indianer. *Berliner Tageblatt*. N. 48, ano XV. Berlim, 25 de janeiro, 1886a.
- BOAS, Franz. Sprache der Bella-Coola-Indianer. *Verhandlung der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*. Vol. 18, pp.202-206, 1886b.
- BOAS, Franz. The Language of the Bilhoola in British Columbia. *Science*. Vol 7, pp. 218, 1886c.
- BOAS, Franz. "The Kwakiutl of Vancouver Island". In: Boas, Franz (Org.). *The Jesup North Pacific Expedition: Memoir of the American Museum of Natural History*. Nova Iorque: American Museum of Natural History, 1909.
- BRACKEN, Christopher. *The Potlatch Papers*. Chicago: The University of Chicago Press, 1997.
- COLE, Douglas. Franz Boas and the Bella Coola in Berlin. *Northwest Anthropological Research Notes*. Vol. 16, N. 2, 1982.
- GRIFFITHS, Alison. *Wondrous difference: cinema anthropology and turn-of-the-century visual culture*. Nova York: Columbia University Press, 2002.
- HABERLAND, Wolfgang. "Nine Bella Coolas in Germany". In: Feest, Christian C. (Org.): *Indians and Europe*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1999.
- HINSLEY, Curtis. "The World as Marketplace: Commodification of the Exotic at the World's Columbian Exposition". In: Karp, Ivan e Lavine, Steven. *Exhibiting Cultures*. Washington: Smithsonian Institution Press, 1991.
- LANGE, Britta. *Echt. Unecht. Lebensecht: Menschenbilder im Umlauf*. Berlin: Kulturverlag Kadmos, 2006.
- LANGE, Britta. "Verzauberungs- und Entzauberungsverfahren. Die Bella-Coola-Völkerschau (1885/86) zwischen Anthropologie und Salonmagie". In: Dietze, Gabriele e Dornhof, Dorothea (Org.). *Metropolenzauber*. Viena: Böhlau Verlag, 2014.
- OKSILOFF, Assenka. *Picturing the primitive: visual culture, ethnography and early German cinema*. Nova York: Palgrave, 2001.
- OLIVEIRA, João; SANTOS, Rita. "Introdução". In: *De acervos coloniais aos museus indígenas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2019.
- RIEDL, Titus. De índios, crânios e seus 'coleccionadores': dados sobre o exotismo e a trajetória da antropologia, no Brasil do século XIX. *Revista de Ciências Sociais*, v. 27, n. 1/2, 1996.
- STOCKING, George. "Franz Boas and the Culture Concept in Historical Perspective". In: Stocking, George. *Race, Culture, and Evolution*. Chicago: University Chicago Press, 1968.
- THODE-ARORA, Hilke. *Für fünfzig Pfennig um die Welt*. Frankfurt: Campus Verlag, 1989.

THODE-ARORA, Hilke. Abraham's Diary: A European Ethnic Show from an Inuk Participant's Viewpoint. *Journal of the Society for the Anthropology of Europe*, v. 2, p. 2-17, 2002.

VIEIRA, Marina. *Figurações Primitivistas: Trânsitos do Exótico entre Museus, Cinema e Zoológicos Humanos*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) —UERJ, Rio de Janeiro, 2019.

VIRCHOW, Rudolf. Die anthropologische Untersuchung der Bella-Coola. *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*. Vol 18, pp. 206-215, 1886a.

VIRCHOW, Rudolf. Verwaltungsbericht für das Jahr 1886. *Verhandlungen der Berliner Gesellschaft für Anthropologie, Ethnologie und Urgeschichte*, Sitzung vom 18.12.1886. *Zeitschrift für Ethnologie*, Vol. 18, pp 707–713, 1886b.

ZIMMERMAN, Andrew. *Anthropology and antihumanism in Imperial Germany*. Chicago: Chicago University Press, 2001.